

E manchado
de sangue terás
que crescer

AMOSTRA

AMOSTRA

E manchado
de sangue terás
que crescer

UMA VIDA DE LUTAS

Christopher Goulart



MINOTAURO

E manchado de sangue terá que crescer

Copyright © 2025 Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 Christopher Goulart.

ISBN: 978-65-6143-025-8

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

G694m
1.ed. Goulart, Christopher
E manchado de sangue terá que crescer : uma vida de lutas / Christopher Goulart. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Minotauro, 2025.
416 p.; 15,7 x 23 cm.

ISBN 978-65-6143-025-8

1. Brasil - Política e governo. 2. Goulart, João, 1919-1976. 3. Presidentes - Brasil - Biografia. I. Título.
03-2025/80 CDD 320.981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Presidentes : Biografia 320.981
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Editor da obra: Marco Pace
Vendas Governamentais: Cristiane Mutús
Gerência Comercial: Claudio Lima

Produtora Editorial: Andreza Moraes
Revisão: Martim Lacava
Revisão Técnica: Jorge Ferreira
Projeto: Daboit Textos e Palestras Ltda.
Concepção Gráfica: Eduardo Faria/Ofício



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



TRANSFIGURAÇÕES

Juremir Machado da Silva

JORNALISTA E ESCRITOR

Gosto muito de ser amigo de Christopher Goulart. Andei com ele, fazendo palestras pelo Rio Grande do Sul, no cinquentenário da Legalidade, movimento comandado por seu tio-avô, Leonel Brizola, que garantiu, em 1961, a posse do seu avô, João Goulart, na presidência da República. Christopher me ajudou muito, facilitando o acesso à imensa documentação da investigação sobre a morte do ex-presidente, quando escrevi “Jango, a vida e a morte no exílio”. Nascido em 1976, em Londres, onde seus pais foram morar em busca de abrigo contra as ditaduras que ensanguentavam a América do Sul, Christopher publica agora sua autobiografia, “E manchado de sangue terás de crescer”. Alguém poderá dizer que ele é jovem para um livro de memórias, ou que o título é dramático. Mas o que ele conta justifica suas escolhas.

O que se lê neste texto escrito com paixão? A história de um idealista disposto a preservar a memória do avô e, ao mesmo tempo, de não ser reduzido ao papel de “neto de Jango”. Livro corajoso e franco, expõe a trajetória da sua família depois da morte do patriarca. Ricos e famosos, eles se viram diante da necessidade de se reconstruir sem a sombra grandiosa da Jango. Marcados pelo golpe de 1964 e pela vida no exílio no Uruguai, cada um parece buscar um horizonte que foge. Christopher mostra-se como alguém que sofreu com a desestruturação familiar e, numa caminhada sinuosa, passando pelo sonho, rapidamente abortado, de ser jogador de futebol, ou roqueiro, descobre a vocação política. São muitos os dramas enfrentados, as perdas e as apostas.

Pai de três filhas, de relacionamentos diferentes, cidadão do mundo, Christopher descreve minuciosamente o seu percurso errante entre Londres, Montevidéu, Porto Alegre, Punta del Este e Rio de Janeiro e São Borja.

É um relato pungente, sincero, verdadeiro, dá para ver o narrador de coração aberto, expondo suas vísceras, sem ressentimentos, desejos de vingança ou mágoas insepultas. Pode-se dizer: eis aí um homem contando o que viveu, sentiu e guarda na parede da memória como um quadro sem moldura. Outro ponto forte do livro é a narrativa das aventuras do autor na política.

O leitor não perderá o seu tempo. Aprenderá muito sobre a história recente do Brasil pelo viés de uma história pessoal, familiar e muito real. Christopher Goulart é autor da sua própria história.

AMOSTRA

PREFÁCIO

Perturbado e manchado de sangue terás que crescer

Alcy Chewiche

PORTO ALEGRE
VERÃO DE 2024

Ao terminar de ler as últimas linhas deste livro, as palavras que me ocorrem são: *Deve ser imediatamente vertido para o espanhol e para o inglês*. Afinal, além da nacionalidade brasileira, Christopher Goulart é cidadão uruguaio e britânico, e nosso idioma é insuficiente para divulgar sozinho esta obra.

Numa terra de fugitivos, aquele que anda na direção contrária parece estar fugindo. Esta citação de Eliot, feita pelo autor, para mim é a síntese total deste romance histórico autobiográfico.

Desde o nefasto 1º de abril de 1964, apelidado de 31 de março por se tratar do *dia dos bobos*, grande parte dos cidadãos brasileiros continua fugindo da realidade histórica. Queiram ou não esses fugitivos admitir, João Belchior Marques Goulart foi apeado do poder pelas mesmas razões que levaram Getúlio Dornelles Vargas ao suicídio, em 24 de agosto de 1954: *Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida*.

Nesse particular, o autor afirma: *Registro aqui, a quem interessar possa, que sou ciente de que a deposição de meu avô foi arquitetada por uma direita que não aceitou as Reformas de Base propostas por Jango, leal seguidor de Vargas*.

Os brasileiros que marcham para trás sabem quanto valia em poder aquisitivo o salário mínimo quando João Goulart foi o Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas? Cinco vezes o atual. Ou seja, neste ano de 2024 seria capaz de comprar o equivalente a R\$7.060,00.

Como seu discípulo predileto, foi para Goulart que o Presidente Vargas entregou a *Carta Testamento*, poucas horas antes de suicidar-se. E quando assumiu a Presidência da República, no alvorecer de setembro de 1961, na esteira da demissão de Jânio Quadros e da resistência democrática da Legalidade, capitaneada por Leonel Brizola, Jango estava perfeitamente preparado para dirigir o Brasil. Afinal, com apenas quarenta e dois anos de idade, era formado em Direito, tinha sido Deputado Estadual e Secretário da Justiça, no Rio Grande do Sul, Deputado Federal, Ministro do Trabalho e duas vezes Vice-Presidente da República, no tempo em que este cargo o fazia Presidente do Senado.

Aliás, conheci Christopher Goulart nas comemorações dos quarenta anos da Legalidade, em agosto de 2001. Naquela ocasião, convidado para fazer uma palestra sobre os acontecimentos de que participei como estudante e narrei no conto *O Trem da Fronteira* e no livro *O Mestiço de São Borja*, afirmei que para nós fora uma grande decepção Jango ter aceito o Parlamentarismo, ao invés de enfrentar os golpistas numa guerra civil. Christopher, na época um jovem de vinte e quatro anos, fez-me uma pergunta muito inteligente: *O senhor pensa hoje o mesmo que pensava em 1961?* E eu lhe respondi: *Penso sim, mas certamente não estaria aqui para dizer estas palavras. O mais certo é que teria morrido junto com muitos outros jovens, o que o seu avô não aceitou, desentendendo-se até com o cunhado Brizola.*

Em 1964, evitando um outro derramamento de sangue, e certamente a invasão do Brasil pela Esquadra Naval dos Estados Unidos, que já se dirigia para cá, o Presidente João Goulart exilou-se no Uruguai e depois na Argentina, onde veio a morrer, talvez pelas mãos dos mesmos assassinos da *Operação Condor*, a 6 de dezembro de 1976, dois meses e um dia após o nascimento de Christopher, em Londres. Mas, como o destino assim o quis, ainda segurou em seus braços o primeiro filho de Zulma Stella Katz e João Vicente Goulart, dois *teenagers* de dezoito e dezenove anos de idade.

Talvez este livro seja o motivo pelo qual eu mesmo tenha nascido, afirma Christopher Goulart, e eu concordo com ele. De qualquer maneira, ao escrevê-lo, na minha opinião, ele acaba de nascer pela segunda vez. Nascer, agora, como escritor, uma arte em que se revela nesta obra, não só pelas informações históricas que divide generosamente conosco, como pela qualidade do texto sobre sua própria vida, sempre dizendo muito com poucas palavras. Poucas, sim, dada a densidade da narrativa que cobre bem mais do que os quarenta e sete anos do autor.

Em correspondência que me enviou há alguns dias, Christopher me honrou ao mandar-me por *e-mail* o manuscrito deste livro, acompanhado do pedido para fazer sua avaliação.

Vale ouro, meu querido amigo. O mesmo ouro que as *aves de rapina* roubaram do Brasil, depois que *descobriram* um território, onde, em 1500, já viviam oito milhões de indígenas, e *cristãmente* os massacraram. O mesmo ouro que comprou os africanos que os colonizadores trouxeram aos milhares para a escravidão, morrendo outros milhares nos *navios negreiros* e alguns milhões em mais de três séculos sob a chibata. O mesmo ouro de Vila Rica, onde existe um monumento para Tiradentes com as seguintes palavras: *Aqui, em poste de ignomínia, esteve exposta sua cabeça*. Não bastava enforcá-lo em nome da *rainha louca*, pelo crime de lutar pela nossa independência? Para que esquetejá-lo? E ainda se consideravam cristãos...

Vale ouro, sim, meu amigo. No meio de tantas inverdades, teu livro, Christopher Goulart, é um raro documento da verdadeira História do Brasil vivida por João Belchior Marques Goulart. Que ela seja narrada junto com tua própria história, que o livro também retrate tuas próprias ideias, é um privilégio que te deu aquele homem honrado que te pegou nos braços:

Sou o único neto que meu avô João Goulart conheceu. Para compreender a causa pública, bebi na água da fonte de Alberto Pasqualini, de Darcy Ribeiro, da obra imortal da minha maior referência, o Presidente Vargas, na trajetória irretocável de Leonel Brizola.

AMOSTRA

A P R E S E N T A Ç Ã O

Alguém é levado a escrever um livro e publicá-lo porque possui uma razão ou motivação forte para fazê-lo. Esse alguém precisa urgentemente se encontrar, pedir socorro, conectar-se com outras pessoas iguais a ele, dentro de um mundo em que ele entende estar completamente desconectado. O momento não pode ser postergado, pois metade de sua vida já foi vivida. Ao menos é o que se espera. É o que estará escrito no livro, da epígrafe ao glossário; do Prefácio ao Epílogo; do romance de ficção à biografia autorizada; do e-book à impressão do tipo brochura. Da premissa básica duma boa história ao personagem que surge sozinho com todas as camadas prontas e, ainda sem um chão para pisar ou um esboço de cenário ao seu redor como algum gatilho criativo, faz brotar a jornada literária inteira de si mesmo, do primeiro passo ao desfecho; da ideia luminosa, cujo brilho é fruto da colisão de partes de ideias que já aconteceram, e que nos dias atuais essas mesmas ideias por vezes parecem não mais fazer sentido. Portanto, a permanente contradição entre a liberdade plena da altivez, da busca da manutenção de conceitos, num mundo que de modo geral não alimenta mais expectativas de causas sublimes. A contingência do momento é outra. As necessidades são mais imediatas e não há mais espaços para idealismos. Sim, tudo parece piorar, conforme o transcurso do tempo. Um escritor adormecido que passou a funcionar a todo vapor; pelo simples motivo de libertar um grito desesperado entranhado na alma pronunciado ao mundo, uma inspiração vinda do nada feito um passe de mágica.

As razões, motivações que empurram o escritor, mas também o músico, e artista, certamente encontram respaldo em um espírito criativo, rebelde, sensível e, com certeza, incompreendido por muitos. Um tormento que angustia uma alma sonhadora, que enxerga que as afinidades entre os seres humanos só acontecem de fato com a empatia de perceber as carências e defeitos de outras almas. São as fraquezas que nos unem! Porque normalmente elas são colocadas embaixo de um tapete. Até porque o

normal é o anúncio próprio de virtudes, quase sempre exageradas e até mentirosas. Esse alguém é de fato um crítico de um modelo hipócrita, de uma sociedade moralmente decadente.

Esse alguém sou eu, porque, no meu caso, a razão que me levou a escrever e a publicar a minha autobiografia aos 47 anos foi sentir a urgência de ter algo a dizer - tudo aquilo que não podia mais deixar de ser dito. Afinal, de que serve viver uma vida que não tenha sentido? Ou aceitar e alimentar que outros me vejam e se refiram a mim como quem nunca fui, tendo a oportunidade de impedi-los ao registrar abertamente quem sou verdadeiramente e de fato passe a existir como tal para além do meu tumulto. Na minha ambição admitida agora, penso que a pior morte é a de quem deixou para trás a vida, incapaz de ser quem verdadeiramente foi. Portanto, a imagem de viver para mim é diferente da verdade de como vivemos a maior parte do tempo. Isso porque acreditamos que para viver é preciso estarmos vivos antes, para só depois fazê-lo. Mesmo sendo isso impossível. Mesmo uma coisa sendo totalmente indissociável da outra. Ao fazermos uma, nada pode impedir o fato de estarmos fazendo as duas juntas. Quando aceitamos a ilusão de estarmos garantindo a vida acima de tudo, apenas ignoramos nosso ato de viver que igualmente se certifica de que não morreremos; enquanto que condicioná-la à sobrevivência nos impede de existir. E, sim, a existência transcende consideravelmente a vida, embora para poder tornar-se visível, depende de que esta seja vivida. O que, por sua vez, relativiza e diminui a importância da duração da forma biológica de vida, e potencializa a forma de viver. Talvez tão intensa e semelhante à imagem que tenho dela.

Então, mesmo que não chegue aonde pretendo - e acredito que chegarei - quero deixar registradas estas palavras para que meus dias de luta e minhas memórias de viver, embora auto-biografadas em nem tantos anos de uma vida, consigam reproduzir a minha existência essencialmente imutável, e até o fim à busca de melhorá-la, alcancem em diferentes idades a Valentina, a Martina e Ana Beatriz, minhas filhas e, conforme o dia de suas existências e leituras, possam elas perceber por ângulos distintos algo diferente de bom, mais de uma vez, a partir e além de mim para cada uma delas.

Não me importaria se o que direi a seguir soe ao leitor um tanto pretensioso. Por outro lado, detestaria que alguém escutasse um tom de hipocrisia disfarçada. O fato é que, para este livro cumprir o que tenho a

dizer através dele, não pouparei tripas, coração, verdades, dores, sofrimento e tropeços, nem erros, culpas e sentimentos, emoção e paixão. No máximo toda crueza e realidade, toda nudez da minha alma se manterá entre as margens das exigências naturais do meio e da forma escrita de expressão textual e literária. Evitando transbordar o tipo de passionalidade numa conversa minha de impacto sentimental apenas para mim mesmo, provocando um desvio da estrada narrativa para o acostamento particular de minha história. Vou me esforçar para abrir um canal direto do coração às palavras. Uma ligação direta sem filtros imediatos. Preciso lutar para ser assim o tempo todo, doendo a dor que doer. No fio da navalha. Na corda esticada. Não há como ser diferente depois de finalmente tê-lo aceitado, ele, o livro. Até então um conteúdo vivo não escrito num híbrido de diálogos, cenas, cheiros, lembranças e reflexos condicionados, além de imagens embaralhadas do passado. Um conteúdo agrupado de imagens, sensações, sons e frases, poemas memorizados e amores cúmplices das paixões juvenis, uma coleção embolada de vivências enjauladas dentro de mim, gritando ao dar voltas de pensamento para somente o meu cérebro ouvir. Enquanto isso, do lado de fora, eu engoli por anos o silêncio da minha jornada. Ela nunca deixaria de estar atrelada à jornada do meu sobrenome e da trajetória da minha família. No imaginário coletivo biográfico, muita gente nos imagina, por décadas, nadando em riqueza, poder e glamour, por conta de que meu avô foi um dos mais emblemáticos e importantes Presidentes da história política do país.

Chegou a hora de colocar no papel o uso da minha autocrítica notória ao extremo e da minha sinceridade. Tudo isso muito além das gentis e amorosas palavras que recebo de minha família e de meus amigos e amigas, que, confesso, são poucos. Existe uma realidade paralela mais perversa, fora do nosso quintal. Aproveito aqui essa sinceridade para afirmar que a minha jornada biográfica está longe de uma autopromoção. Sinto a necessidade e a razão de dizer e registrar quem sou, no momento em que isso precisa ser feito para o resto dos meus passos na própria estrada aberta à minha frente. A minha história é uma história humana em tudo o que isso seja capaz de dizer. Não vejo argumento melhor para convidar o leitor a embarcar para vivê-la na sua própria leitura enquanto ela está sendo escrita e narrada e em movimento até o ponto final, para depois renascer várias e várias vezes, de formas diversas dentro de cada um. Talvez este livro seja o motivo pelo qual eu mesmo tenha nascido. O

curioso é sentir que, diferentemente da faixa normal de vibração comum, ao diagnosticar e publicar minhas falhas, características de um humanista, aqui mesmo, neste ponto de introdução, acabo por sentir-me mais forte. Talvez por já ter-me assumido errante, imperfeito, ter reconhecido na largada parte das minhas limitações, é que me sinto forte. Ao agir dessa forma, me sinto livre. Sinto-me livre para descrever o que vem adiante. Pensando melhor, este livro poderia ser também intitulado “terra de fugitivo”. Tenho muita identificação com um pensamento do poeta, dramaturgo e crítico literário Thomas Stearns Eliot: “Numa terra de fugitivos, aquele que anda na direção contrária parece estar fugindo”. Eu sei que venho na contramão desde meu nascimento, em razão dos valores que herdei. Como cláusulas pétreas, imutáveis, possivelmente sejam esses mesmos valores que me permitem hoje caminhar de cabeça erguida. Mais do que isso, percebi que, em algum momento da minha caminhada, essa característica própria tornou-se visível aos olhos dos demais. Com minhas virtudes e meus defeitos. Longe da esteira do humanismo, não saberia equilibrar-me neste mundo selvagem.

Como disse, não pretendo aqui me promover. Estou ainda distante de conquistar meus sonhos, sem me dar a opção de culpar a ninguém que não seja a mim mesmo. Sou consciente de que eu poderia ter tomado outras decisões e atitudes, perante acontecimentos e circunstâncias que se apresentaram até aqui. Os resultados seriam outros. De outra sorte, não seria eu mesmo. Portanto, não me dou por vencido. Porque quero acreditar que ainda tenho tempo. “Temos nosso próprio tempo”. “E o que me importa é não estar vencido”, já cantaram um dia Renato Russo e Ney Matogrosso, respectivamente. Até agora, não falei de minhas origens. Particularmente, não escrevi aqui o que todos já sabem. Sim, sou neto do ex-presidente do Brasil, o Sr. João Belchior Marques Goulart.

O autor

AMOSTRA

Para Valentina, Martina e Ana Beatriz.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Foi assim que começou.....	19
---	----

PARTE I

*“Prepare seu coração, pras coisas que eu vou contar,
eu venho lá do sertão, e posso não lhe agradar”.*

(Início de Minha Vida)

1. Dois documentos, uma vida.....	25
2. Minhas referências: Jango e Maria Thereza - Começo da prosa.....	29
3. Breve passeio genealógico antes das festas.....	31
4. Londres a terra natal.....	35
5. 1964: desdobramentos particulares do golpe.....	41
6. O Brasil é o meu país.....	53
7. Primeiros passos da vida que segue.....	61
8. Separação de meus pais.....	85
9. Um pouco sobre Brizola e Jango.....	103
10. 1976: o reencontro histórico entre Jango e Brizola.....	111
11. Morte de Brizola.....	117
12. Primeiros sintomas de um adolescente rebelde.....	129
13. 1994: de novo, Porto Alegre.....	139
14. Ano 2000: minha primeira experiência eleitoral.....	171
15. Minha última fase no casarão: guerra!.....	187
16. Novos caminhos, velhos problemas.....	197

PARTE II

*“Quero falar de uma coisa, adivinha onde ela anda,
deve estar dentro do peito”*

(Vida Pessoal e Maturidade)

17. Início de minha militância política.....	225
18. Ação judicial família Goulart x EUA.....	231
19. Herdeiro da pampa pobre.....	259
20. Minha anistia política.....	265
21. 2014: 50 anos do golpe civil-militar.....	297
22. Eleições municipais de 2016: fundamental experiência para eu me reinventar!.....	331
23. 2017: a queda que precede o triunfo.....	337
24. Hora de reestruturar minha vida.....	359
25. Uma vida em 45 dias: a sorte está lançada.....	377
26. Os últimos 45 dias: o livro termina em 2020.....	395
CONSIDERAÇÕES FINAIS	397
POSFÁCIO	407

AMOSTRA

INTRODUÇÃO

Foi assim que começou

O homem caminha nervosamente em círculo ao redor da mesa de vidro redonda, em cuja superfície são exibidos porta-retratos com registros de tempos marcantes da história brasileira. Ele não está sozinho, pois, próximo da mesa, há um berço branco com um bebê recém-nascido, silencioso, mas com os olhos apreensivos e bem abertos. O homem está imerso em si mesmo e tentando em pé conter o turbilhão de emoções desencontradas que aflige a sua alma feito um lençol solitário pendurado no varal que, agitado para todos os lados, luta para não ser levado, embora envolvido pelo vento espiral dum redemoinho interminável. Um lençol novo, triste, dolorido e revoltoso. Em razão de seu estado de espírito conturbado é que ele puxa a cadeira ao lado da mesa circular e instintivamente, começa a rabiscar algumas palavras num papel que ali estava. O homem é meu pai aos 19 anos. A intenção dos rabiscos era o início de um poema dedicado a mim, que de olhos arregalados assistia a cena, dentro do berço branco. Esse episódio estava sendo testemunhado pelos homens de terno que apareciam nos retratos. A fotografia que mais chamava a atenção era uma foto de 1946, onde aparecia meu avô João Goulart e o Presidente Getúlio Vargas, na fazenda do Itu em São Borja. O chão do mundo de meu pai estava desabando naquele momento, e, aos 19 anos de idade, sentia ele que aos poucos estava sendo engolido pelo vazio sem fundo. Enquanto isso, agora já com caneta em punho, volta e meia ele desviava os olhos das palavras que estavam sendo escritas para poder olhar para mim dentro do berço, eu que de olhos atentos o observava. A música de fundo era uma canção do Pink Floyd, que meu pai havia escolhido antes de sua caminhada frenética e em círculos. Do velho aparelho de som, com um volume alto se ouvia a canção do Pink Floyd, “How I wish you were here”. Talvez porque ele quisesse. Talvez porque ele precisasse ouvir sem se preocupar que eu ouvisse tanto quanto ele. O poema poderia ser um pedido de socorro dentro duma garrafa lançada ao oceano verde do pampa para que o meu eu, em algum

ponto do futuro, pudesse encontrá-la e ir ao encontro do meu pai aos 19 anos naquele dia do passado, e assim resgatá-lo por conseguir compreendê-lo pela mensagem em seus muitos significados no presente, enquanto também ele repassava mentalmente a sua curta vida até ali. Em poesia. No mais alto grau da iniquidade que o destino havia lhe imposto. Certamente, “How I wish you were here” não se trata de uma memória aleatória, pois meu pai só pensava “Como eu queria que você estivesse aqui”. Olhando para o retrato de Jango e Getúlio, sentia a ausência do próprio pai. Não refletindo sobre o plano imaterial, onde meu avô João Goulart sempre esteve presente. Meu pai queria era poder ter alguém para ensinar-lhe sobre os desafios, mistérios e segredos da vida e poder vivê-la e enfrentá-la vivendo a base da dosagem de amor e idealismo do meu avô. Ele, meu pai, apenas desejava e precisava ser abraçado por quem não podia mais fazê-lo. Era um abraço de quem não mais estava presente, que aos 57 anos de idade havia partido para outro plano, em decorrência da angústia provocada pelo exílio. O abraço dos abraços, todos que tinham sido tolhidos pela Ditadura Militar no sabor amargo e indissolúvel de injustiça.

E lá estava eu, Christopher, assimilando a energia daquilo tudo inconscientemente, tendo que sentir na pele a mais dura perda sofrida pela minha família. A perda de alguém que é e será sempre lembrado por ser uma marca de justiça social para as próximas gerações. A minha recente existência deu logo de frente com a tragédia familiar e o peso de suas consequências. Com apenas dois meses de vida, inconscientemente eu recebia essa energia pesada, e a levaria para o resto de minha vida, por vezes sem saber exatamente como lidar com ela. É certo que dali se sucedeu uma busca em vão por atenção e a sensação de abandono. A partir daquele momento, minha realidade seria essa. É por isso que eu teria que crescer manchado de sangue.

Novos dias viriam, sem conseguirmos jamais desativar a perturbação de nossas cabeças. Para crescer, estava à minha espera a necessidade da compreensão sobre conviver com um sofrimento interno. Porque o sangue impregnado não era de uma batalha esgotada entre tropas, nem uma guerra de vencedores ou derrotados eternos, mas um extenso conflito mortal com a realidade da hipocrisia, ingratidão, mentira e traição. Por isso eu deveria crescer manchado de sangue, um sangue que não coagulava, nem escorria ou podia ser removido da pele. Esse sangue se espalhava sobre ela à medida que eu crescia.

Sem nenhum direito de escolha, assimilei que nunca abandonaria aquela luta, mesmo embebido em sangue. Era justamente o sangue carimbado no meu corpo a minha razão e causa para lutar. Não somente havia nascido em meio àquilo, mas para lidar com aquilo tudo. Eu deveria aprender a ver a morte sem chorar. O bastão pesadíssimo que eu carregava não tinha exatamente sido passado para mim, nem mesmo pelo meu pai em algum momento oficial ou subentendido. Era um bastão talhado em material genético repassado por gerações, um totem ancestral com uma missão inestimável que então, a partir daquele ponto, eu acreditaria que ninguém mais além de mim poderia carregá-lo.

Por outro lado, naquelas circunstâncias, meu pai não saberia com exatidão como lidar com o futuro. Não era assim que ele havia imaginado viver. Visitado por demônios que cedo batiam à sua porta ou entravam na nossa casa sem pedir permissão. Varando as paredes. Invadindo sem aviso ou hora do dia os seus pensamentos para se alojarem, de tempos em tempos, no seu interior. Foi nesse contexto que meu pai iniciou seus primeiros rabiscos no papel, que se transformariam no poema, naquela ampla sala da Granja São Vicente em São Borja, de antiga propriedade de meu avô. Porque talvez tenha enxergado em mim a projeção de poder combater os demônios ao seu lado.

Estávamos na cidade onde tudo, exatamente tudo, começou. São Borja, berço do trabalhismo. A música de fundo, porém, não era do músico nativista gaúcho Noel Guarani, e o som de Pink Floyd já havia terminado. Agora era Emerson, Lake and Palmer que se ouvia e rompia sem cerimônias o silêncio duma fria tarde de outono, como se fosse o corte transversal duma navalha. No melhor estilo Peter Gunn. Eu sabia, do jeito que era possível saber, que o exílio havia deixado sequelas irreparáveis na mente de meu pai ainda tão jovem. Por isso meu pai finalmente concluiu suas palavras, escritas em espanhol. De sua mão trêmula e indignada de tantas injustiças, meu pai já me avisou, em forma de poema, que os dias que chegariam para mim não seriam fáceis. Assim escreveu ele:

*“Despertando mañana y observando el nuevo día.
Perturbado, y manchado de sangre,
Tendrás que crecer”*

(E eram apenas os meus primeiros dias de vida)

AMOSTRA

Parte I

*“Prepare seu coração, pras coisas que eu vou contar,
eu venho lá do sertão, e posso não lhe agradar”.*

(Início de Minha Vida)

AMOSTRA

AMOSTRA

Dois documentos, uma vida

Vou aqui registrar através de dois documentos históricos as razões políticas que marcaram permanentemente minha vida, para que depois, no transcorrer do livro, minhas renúncias e opções possam fazer mais sentido. A vida para mim se inicia decididamente no ano de 1964, data do golpe civil-militar, apesar de eu ter nascido em outubro de 1976. Poderia arriscar uma data mais precisa, nesse caso, apontaria o dia 13 de março de 1964, data do comício da Central do Brasil, que teve meu avô como grande protagonista. Duas semanas depois dessa data, meu avô iria para o exílio e seria condenado a morrer fora de seu país. O conteúdo do discurso desse comício seguia com muita lealdade exemplar o legado do Presidente Vargas.

Permitam que eu explique isso melhor. Minha mãe é uruguaia. Isso se justifica em razão de meu pai tê-la conhecido durante o exílio. O exílio se deu justamente em razão de meu avô ter sido um fiel seguidor de Vargas. Meu nascimento na Inglaterra se deu em função da perseguição política implacável que meu avô sofreu.

Meu nome, “Christopher”, está aí permanentemente para eu lembrar que poderia ter sido “João” ou “Pedro”, nascido no Brasil. Porém, o regime militar impediu que isso acontecesse. Eu provavelmente era um bebê comunista e subversivo demais para ter a chance de nascer em território nacional. A ditadura não permitiu.

Por isso, para reforçar ainda mais de onde eu venho, não posso deixar de lado dois documentos fundamentais na história do Brasil: O discurso da Central do Brasil e a Carta-Testamento de Vargas.

Vou iniciar pela Carta-Testamento, escrita no dia 24 de agosto de 1954, dia do suicídio do Presidente Vargas.

A Carta-Testamento, documento público mais importante da história brasileira, marca as razões pelas quais meu avô seguiu coerentemente sua

trajetória política. Jango era o principal herdeiro político do Presidente Vargas. Essas razões dariam sustentação para minha missão neste mundo, ao menos era isso que eu sentia, talvez desavisado. Essas razões seriam a motivação para irmos para o exílio. Diga-se, meu avô Jango sempre dizia que “o exílio é uma invenção do demônio”.

O seguinte trecho da Carta-Testamento basta para ilustrar uma parte de mim e da relação umbilical com a jornada de lutas da minha família, que nunca abandonou esses princípios:

(...) Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência (...)

Getúlio Vargas, 24 de agosto de 1954

O outro documento já mencionado, igualmente marcante para mim, por motivos ainda mais óbvios, é o discurso da Central do Brasil, proferido em praça pública pelo Presidente João Goulart. Destaco a seguir apenas um trecho do discurso, em que me atrevo a estabelecer um breve diálogo com o documento anterior, a partir da seguinte menção:

(...) Aqui estão os meus amigos trabalhadores, vencendo uma campanha de terror ideológico e sabotagem, cuidadosamente organizada para impedir ou perturbar a realização deste memorável encontro entre o povo e o seu presidente, na presença das mais significativas organizações operárias e lideranças populares deste país. (...) A democracia que eles querem (...) é a democracia que luta contra os governos populares e que levou Getúlio Vargas ao supremo sacrifício. (...) Democracia é precisamente isso: o povo livre para manifestar-se, inclusive nas praças públicas, sem que daí possa resultar o mínimo de perigo à segurança das instituições. (...) Não há ameaça mais séria à democracia do que desconhecer os direitos do povo; não há ameaça mais séria à democracia do